

## A LEITURA DE SI EM MEMORIAIS DE FORMAÇÃO E A ESCRITA AUTORAL COMO EXPERIÊNCIA: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORES DA SEEDF

*(The reading of itself in formation memorials and the authorial writing as experience: narratives autobiográficas of professors of the SEEDF)*

Cristiane de Assis Portela<sup>1</sup>  
SEEDF/ MESPT-UnB

### RESUMO

Consiste na leitura crítica de oito (08) textos memoriais de formação, produzidos por professores da SEDF no contexto do Curso de Formação Continuada Mulheres Inspiradoras, na Etapa 2017 desta política pública. O texto se estrutura em três partes: a. Territórios conceituais: Sobre pesquisa auto(biográfica) e memoriais de formação; b. A leitura de si: Quem sou quando me leio? e; c. Escolhas enunciativas, vivências e experiências: Quais são os temas que me atravessam? Os resultados possibilitam compreender como se apresentam os docentes autobiografados, quais são os temas recorrentes em suas narrativas, suas escolhas enunciativas e sentidos conferidos às suas próprias trajetórias.

**Palavras-chave:** Pesquisa auto(biográfica). Memoriais de formação. Pedagogia engajada. Escrita autoral. Experiência.

### ABSTRACT

Consiste of the critical reading of eight (08) memorial texts of formation, produced for professors of the SEDF in the context of the Course of Continued Formation Inspired Women, in the Stage 2017 of this public politics. The text if structure in three parts: a. Conceptual territories: On auto research (biographical) and memorials of formation; b. The reading of itself: Who I am when I read myself? e; c. Enunciative choices, experiences and experiences: Which are the subjects that cross me? The results make possible to understand as if they present the autobiografados professors, which are the recurrent subjects in its narratives, its choices enunciative and felt conferred to its proper trajectories.

**Keywords:** Auto research (biographical). Memorials of formation. Engaged Pedagogy. Authorial writing. Experience.

Recebido em: outubro 2018

Aceito em: novembro 2018

[DOI 10.26512/les.v19i3.17767](https://doi.org/10.26512/les.v19i3.17767)

### INTRODUÇÃO

Me proponho neste artigo a apresentar uma análise construída entre reflexões da História, da Educação e das Letras, mediada pelo campo interdisciplinar da *Pesquisa Auto(biográfica)* e que toma como mote, narrativas autobiográficas de educadores. O material consiste em oito (08) textos memoriais de formação, produzidos por professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEEDF, no contexto do Curso de Formação Continuada *Mulheres Inspiradoras: educação para a*

---

<sup>1</sup> Professora de História da Secretaria de Educação do Distrito Federal- SEEDF desde 2005, Docente do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais da Universidade de Brasília- MESPT/UnB desde 2011. Graduada pela Universidade Estadual de Goiás- UEG (2003), Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás- UFG (2006) e Doutora em História pela UnB (2011). Integra a Equipe do Projeto Mulheres Inspiradoras, o Grupo de Pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB e o Grupo de Estudos Autoria de Mulheres, Pedagogia Engajada e suas Interseccionalidades (SEEDF/UnB).

*transformação social*<sup>2</sup>, na Etapa 2017 deste Programa que hoje se constitui como política pública na SEEDF e que deverá ser gradativamente implementado em escolas que atendem a estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e/ou o Ensino Médio. Acerca desse campo de pesquisa, vale historicizar alguns de seus enfrentamentos no decorrer do século XX:

A passagem de autobiografias não intencionais para o ato deliberado de fazer das escritas de si um dispositivo de formação, em educação, e de narrativas de vida um método de pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais, foi alvo, ao longo do século XX, de defesas e críticas contundentes, rejeições e militâncias, recuos e avanços no campo científico. Duas noções podem ser colocadas no centro dessas discussões: a de *experiência* existencial, por dizer respeito à subjetividade de quem narra, e a de *interpretação*, por subentender opiniões, crenças e valores na compreensão dos acontecimentos relatados, tanto por parte do sujeito que narra sua história quanto por parte do pesquisador que dá sentido a essas vidas para fazer história. O desafio posto por essas noções para a pesquisa científica é o da construção da realidade pelo viés do texto narrativo escrito na primeira pessoa, o que põe em risco a busca de verdades universais, propostas pelas ciências naturais e os métodos positivistas. (SOUZA E PASSEGGI, 2011, p.328).

Em consonância com o que a *pesquisa (auto)biográfica* propõe, busco compreender as narrativas construídas pelos professores como “experiência existencial”, fazendo o entrecruzamento entre a “interpretação” esboçada pelos narradores e a minha própria como leitora/pesquisadora dessas escolhas enunciativas. A inspiração primeira para textualizar as ideias que fervilhavam a minha mente e sentimentos após a leitura dos memoriais de formação dos docentes, veio do conto *A Terceira Margem do Rio* de Guimarães Rosa, sob indicação de uma amiga das Letras, a professora Bruna Lucena. Quando comentei sobre a minha intenção de escrever o artigo com esse recorte, veio então a sugestão do conto, que me pareceu inusitada porque pelo que eu conhecia da literatura de Guimarães não trataria diretamente do que eu gostaria de falar.

A leitura do conto se mostraria importante em dois sentidos. Em um primeiro momento porque me provocou um sentimento de afeto profundo - com o reconhecimento da sensibilidade de Oxum tomando lugares da minha mente de mulher filha de Iansã, o que me possibilitou voltar aos textos não com o olhar da historiadora que se aventura a fazer às vezes de analista de discurso, mas como uma professora que lê os textos de seus pares, estabelece interlocução com eles e se espanta

---

<sup>2</sup> O *Programa Mulheres Inspiradoras* tem como propósito fortalecer a formação dos estudantes de 9º ano e Ensino Médio, com fomento à leitura, à escrita autoral e ao protagonismo juvenil levando em conta temáticas diversas, como igualdade de gênero, representação da mulher na mídia, cyber violência e violência contra a mulher. Trata-se de uma proposta educativa que foi criada e executada pela professora Gina Vieira Ponte de Albuquerque em 2014, na escola pública em que atuava na Ceilândia, periferia do Distrito Federal. A ação foi contemplada com catorze (14) premiações, nacionais e internacionais e vem crescendo desde então. Em 2015 contemplou mais sete turmas do 9º ano, na mesma unidade escolar. Em 2017 contemplou 15 (quinze) unidades escolares. Dando continuidade à ampliação, no ano de 2018 será realizada uma nova etapa do Programa, sob gestão exclusiva da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, formando 88 (oitenta e oito) professores e subsidiando com acervo e orientação metodológica, 26 (vinte e seis) novas escolas, recentemente selecionadas.

com as aproximações e distanciamentos dessas travessias de cada um. Em um segundo momento, ainda sob o impacto das palavras de Guimarães, passei a pensar como foi que, vindos de atravessamentos tão diversos acabamos por nos encontrar aqui em um mesmo ponto, metaforicamente representado pelo Programa Mulheres Inspiradoras, que se faz como *intersecção* e *encruzilhada* ao mesmo tempo, assim como as três margens.

Imersa por esse mergulho narrativo em Guimarães Rosa, a opção foi pela construção do texto também em três margens. Duas delas melhor definidas, como nos parecem os discursos de identidade, e como são as duas margens de rios que conseguimos *ver com os olhos*. A terceira, caracterizada pela incompletude e aberta ao devir - como nos apresenta o camaronês Jean-Godefroy Bidima em sua *noção de travessia* – como um correspondente ao que vislumbramos na terceira margem do rio, aquilo que enxergamos com *os olhos de não ver* (expressão que não encontrei em Guimarães Rosa, mas que intuí que poderia ser atribuída a ele). A terceira margem, correspondente às considerações finais, sinaliza como estes entrecruzamentos se fazem como *intersecção* ou *encruzilhada* nos enunciados dos narradores. Assim, o texto se estrutura em três margens: a. Territórios conceituais: Sobre pesquisa auto(biográfica) e memoriais de formação; b. A leitura de si: Quem sou quando me leio? e; c. Escolhas enunciativas, vivências e experiências: Quais são os temas que me atravessam?

## **1. PRIMEIRA MARGEM) TERRITÓRIOS CONCEITUAIS: SOBRE PESQUISA AUTO(BIOGRÁFICA) E MEMORIAIS DE FORMAÇÃO**

O escritor português José Saramago nos lembra que todos exercitamos no cotidiano a produção de narrativas autobiográficas não intencionais, entretanto, essa prática permanece para nós como restrita à verbalização, quando não somente ao âmbito do pensamento<sup>3</sup>. A experiência de trazer essa prática verbal para o texto escrito e de ser lido pelo outro é sem dúvida um exercício de repensar a nós mesmos, nossas escolhas e perspectivas de futuro. Na apresentação do dossiê *(Auto)biografia e educação: pesquisa e práticas de formação*, Souza e Passeggi (2011) lembram que este campo de pesquisa surge a partir das próprias inquietudes educativas dos pesquisadores de cada país envolvido e destacam que,

<sup>3</sup> Assim escreve José Saramago: “Creio que todas as palavras que vamos pronunciando, todos os movimentos e gestos, concluídos ou somente esboçados [...] podem ser entendidos como peças soltas de uma autobiografia não intencional [...] Esta convicção de que tudo quanto dizemos e fazemos ao longo do tempo, mesmo parecendo desprovido de significado e importância, é, e não pode impedir-se de o ser, expressão biográfica, levou-me a sugerir um dia, com mais seriedade do que à primeira vista possa parecer, que todos os seres humanos deveriam deixar relatadas por escrito as suas vidas.” (O Caderno de Saramago)

no contexto brasileiro, as pesquisas desenvolvidas na pós-graduação em Educação, centradas em fontes (auto)biográficas, decorrem da criação e do empenho de grupos de pesquisas que se voltam para as *narrativas autorreferenciais* e investigam os aportes teórico-metodológicos do trabalho com as *escritas de si como prática de pesquisa-ação-formação* e como método de investigação em diversas áreas do conhecimento em educação. (SOUZA; PASSEGGI, 2011, p.329, grifos meus)

Trata-se, portanto, de um campo interdisciplinar que surge mais centrado nas pesquisas em Educação, ampliando-se mais recentemente para outras abordagens, em especial, na História, Antropologia, Literatura e Sociologia, em interface com os debates em torno da memória. Em meio às atividades do Programa Mulheres Inspiradoras, podemos afirmar que a proposta de elaborar os textos memoriais, foi informada pela finalidade de estimular a construção de narrativas autorreferenciais, no sentido de construir “*escritas de si como prática de pesquisa-ação-formação*”, conforme citação acima.

Maria Helena Abrahão (2003), ao caracterizar o campo da *pesquisa auto(biográfica)*<sup>4</sup>, explica que apesar da utilização de fontes muito diversas – como aquelas decorrentes de procedimentos em história oral, registros fotográficos, vídeos, filmes, diários, documentos e narrativas escritas sob diferentes formas – “*reconhece-se dependente da memória*”. A memória consiste, portanto, em “*componente essencial na característica do(a) narrador(a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo*” (2003, p.80). Assim, trata-se de campo de pesquisa eminentemente qualitativo. No âmbito das produções de *pesquisa auto(biográfica)* tanto no Brasil quanto na América Latina e em diversos países europeus, “*o processo de pesquisa que consiste em "fazer surgir" histórias de vida, biografias, autobiografias*” (ABRAHÃO, 2003, p. 85 e 86). Aqui, entretanto, não se trata de textos memoriais produzidos com a finalidade de pesquisa acadêmica, e sim como um exercício de aproximação formativa dos cursistas e como oportunidade de autorreflexão. Esse diferencial merece destaque, conforme explicitado pela idealizadora do Programa, a professora da SEEDF, Gina Vieira Ponte:

---

<sup>4</sup> Para conhecer sobre as produções no campo da pesquisa (auto)biográfica no Brasil, um bom ponto de partida é consultar os volumes da *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, que contem textos publicados desde 2016<sup>4</sup>. Em relação à literatura especializada anterior ao surgimento deste periódico, temos um mapeamento feito por Ramos et. all. (2017), em que os autores identificam produções entre 2005 e 2015. Esse estudo evidencia a consolidação do campo a partir da realização do I Congresso Internacional de Pesquisa Auto(biográfica) - CIPA, ocorrido em 2004 e que realizará no ano de 2018 sua VIII Edição, com a temática “Pesquisa (auto)biográfica, mobilidades e incertezas: novos arranjos sociais e refigurações identitárias”. Em texto recente, Elizeu Souza e Dislane Moraes se referem à “*consolidação do campo dos estudos (auto)biográficos no Brasil e ressaltam a necessidade de contribuir para a socialização qualificada de estudos e pesquisas, em diálogo com diferentes áreas do conhecimento sobre o movimento (auto)biográfico*” (2016, p.10)

*Quando fomos oferecer a formação, eu sentia a necessidade de conhecer melhor os/as professoras e seus itinerários de vida, de leitura e de formação. O memorial atendia a esse objetivo. Além disso, a gente queria proporcionar um momento de auto-reflexão aos educadores. A ideia era fazer um memorial inspirado no texto do Paulo Freire, "A importância do ato de ler", no qual ele conta como se deu a construção da leitura de mundo antes mesmo da leitura da palavra. (Relato da Prof. Gina Ponte, concedido oralmente à autora em abril de 2018)*

Com esse propósito, a construção dos memoriais foi solicitada já no início do curso de formação, capturando, portanto, os sentimentos e expectativas daqueles professores que chegam em busca deste curso de formação. Nesse sentido, a pergunta que conduz a análise aqui proposta poderia ser formulada deste modo: *Quem são estes educadores e quais trajetórias os conduzem ao Projeto Mulheres Inspiradoras?* Souza e Passeggi lembram que “a pesquisa (auto)biográfica em educação aposta na interpretação dos que constroem/vivem a história”, portanto, é importante assumir nosso alinhamento com princípios epistemológicos “que reconhecem as margens de resistência do sujeito e admitem que no ato de narrar sua história as instabilidades e incertezas se tornam experiências refletidas”. Nesse sentido, as autoras sugerem que são “justamente, essas experiências e margens de manobra que permitem propor um educar e formar diferenciados”. A inserção dos memoriais como início do ato formativo do Projeto Mulheres Inspiradoras, parece cumprir o propósito de trazer à tona as instabilidades, abrindo caminhos para instigar uma formação engajada, visto que “são, justamente, essas experiências e margens de manobra que permitem propor um educar e formar diferenciados” (SOUZA; PASSEGGI, 2011, p.328). A análise dos memoriais permitiu alguns esforços de generalização analítica, em especial naquilo que diz respeito às dimensões educativas, de formação acadêmica, atuação profissional e construção identitária docente, observando os elementos híbridos que os constituíram como sujeitos leitores e como professores engajados em processos de transformação social.

## **2. SEGUNDA MARGEM) A LEITURA DE SI: QUEM SOU QUANDO ME LEIO?**

*“O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”  
(CERTEAU, 2012)*

São diversos os perfis identitários dos oito (08) educadores que produziram as narrativas autobiográficas aqui analisadas, sete (07) mulheres e um (01) homem, que têm como aspecto comum a formação em Letras/ Língua Portuguesa e o fato de que concluíram a formação na Etapa 2017 do Programa Mulheres Inspiradoras, desenvolvendo com êxito os projetos elaborados junto às suas comunidades escolares. Dois (02) deles possuem sólida formação acadêmica antes da experiência profissional na educação básica, entre eles, uma doutora e um doutorando. Há três (03) docentes que, oriundas de cursos de Magistério anteriores às licenciaturas que cursaram, acumulam

práticas em diferentes etapas da educação básica, na alfabetização, nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Uma (01) das professoras é recém-formada e atuava há menos de três anos na rede pública de ensino no momento de escrita do memorial.

Parte considerável relata ter participado de outros cursos formativos, seja como formação continuada, aperfeiçoamento ou Especialização *Lato Sensu*, o que indica serem docentes preocupados com a continuidade e aprimoramento de seus processos formativos. Outro aspecto comum chama a atenção nos relatos: de forma mais ou menos espontânea, como engajamento individual ou coletivo, poética ou pragmaticamente, a paixão pela leitura representa um elemento central em suas trajetórias. Tal aspecto diz sobre quem são os professores que chegam - e concluem - um curso de formação como o *Mulheres Inspiradoras: educação para a transformação social*, mas tem a ver também com a expectativa gerada pelos autores em relação ao público ao qual se destinam os seus textos, no caso, as professoras formadoras e os colegas cursistas.

Merece relevo especial o destaque dado às afetividades familiares que os constituem como leitores, seja na forma do estímulo recebido, ou como fator que torna desafiador o acesso à literatura, constituindo uma saga heróica que tem como desfecho o acesso aos livros, aos estudos em nível superior ou ao propósito de tornar-se professor(a). São estes afetos profundos que percebemos na fala de uma professora que acessa os debates canônicos em torno da literatura escrita na graduação e é reconduzida, pelas vias da pesquisa acadêmica em torno da literatura oral, a reconhecer a importância de sua vivência formativa familiar, calcada na oralidade. Assim seu texto se inicia com a identificação dos elementos de *escrevivência* que a constituem, em suas palavras, “aquele espaço preenhe de palavras que são, a um só tempo, vida e escrita”:

*Este texto cabe na palavra inventada e preenchida pela grande escritora afro-brasileira Conceição Evaristo: escrevivência. Para a autora, a literatura é a arte da escrevivência, ou seja, aquele espaço preenhe de palavras que são, a um só tempo, vida e escrita. Minha vida sempre esteve entremeada de palavras, e não necessariamente as escritas, como não se poderia pressupor de alguém que, bem como eu, dedica sua vida acadêmica ao estudo da literatura. Em um contexto distinto do da autora de Ponciá Vicêncio, a vivência de uma vida e a formulação (imaginativa e ficcional) de uma outra vida sempre emolduraram minha existência, cercada das vozes de minhas avós, mães, tias, primas, vizinhas. (Memorial de Formação da Professora A)*

Sua narrativa está, como ela afirma, permeada de vozes escritas e orais, dos livros mas também das mulheres que a antecederam e daquelas que se vieram se somar a ela, ao adentrarem sua trajetória de forma significativa. Os enunciados sobre a força da ancestralidade feminina marcam profundamente seu texto, sendo recorrente o recurso a essa referência identitária. As lembranças visuais e sensoriais da infância, bem como a presença da avó, são também a tônica que dá início à narrativa de outra professora:

*Ainda posso sentir o frio que penetrava por entre as brechas das madeiras do nosso barraco simples no Gama, na década de 70, quando aquela cidade apaixonante ainda era só capim muito alto (eu era muito pequena!), poeira em tempo de seca e lama em tempo de chuvas. Fazia frio demais ou a gente não tinha tanto conforto quanto tem hoje! Acho que as duas opções estão certas. É certo também que o que nos aquecia, a mim e aos seis irmãos, dos quais, dois eram mais velhos que eu, eram as histórias contadas por uma velhinha franzina, muito brava, mas muito carinhosa, minha saudosa vó! Essa velhinha era responsável por toda noite antes de dormirmos contar nem que fosse uma história, então tinha de tudo: mula sem cabeça, reis e rainhas, almas penadas, Lampião e Maria Bonita, as Aventuras de São Pedro, de Pedro Malasartes, e tinha umas histórias que de tão fantásticas a gente perguntava: “Isso aconteceu de verdade, vó?” ao que ela respondia: “É nada! É história de Trancoso”. Muito tempo depois aprendi que essa expressão é muito comum em Portugal e no Brasil e designa todo conjunto de histórias populares transmitidas pela tradição oral. (Memorial de Formação da Professora B)*

Esta é a narrativa de uma professora que, alimentada na infância pelas histórias “*reais ou de Trancoso*”, pelas canções e cordéis que a avó lhes ensinava num barraco da periferia de Brasília, encontra na leitura um mundo paralelo que fará com que ela se esforce enormemente para alcançar o sonho de tornar-se professora, mesmo em contextos adversos em sua trajetória. A relação da leitura do mundo que ocorre primeiramente pelo texto oral entrecruza as narrativas das professoras A e B. Está igualmente presente no memorial da professora C, a relação de afetividades familiares e o consequente caminho posterior pelos estudos, que se apresenta desde que se identifica como “*membro de um clã*”, no caso, uma família que valoriza as trajetórias escolarizadas como esperança de uma vida sob melhores condições econômicas:

*Minha mãe, eu e meus dois irmãos morávamos nos fundos da casa de meus avós maternos e a proximidade e a convivência com três tios e cinco tias fez de mim uma pessoa bem peculiar e de gostos bastante extravagantes para uma criança e adolescente. Era uma família muito pobre, mas que sempre valorizou muito os estudos como única alternativa de progressão material e eu, como membro desse clã, percebi muito cedo essa necessidade. A valorização era tanta que minha mãe, no ano do meu nascimento, comprou com muita dificuldade, inúmeras parcelas, uma enciclopédia, a Delta Larrousse, na qual estudei por todos os anos da minha vida e a qual guardo com imenso carinho, pois se tornou para mim o símbolo da valorização do conhecimento. Morávamos em um barraco de madeira, mas tínhamos uma Delta Larrousse, caríssima em todos os sentidos. E ela não era um enfeite. Vivenciei, na minha primeira infância, minha mãe lutando muito para concluir o antigo 2º grau em cima da Larrousse. Na era em que a tecnologia dos computadores e internet sequer era imaginada, ter uma enciclopédia era ter um “google” impresso. E isso não tinha preço. (Memorial de Formação da Professora C, grifos meus).*

É repleto de simbolismos o relato que a professora faz em torno da aquisição da Enciclopédia. De alguma maneira é a materialização da ideia de que o conhecimento seja caminho de ascensão social para estudantes oriundos das classes trabalhadoras, discurso presente em grande parte dos relatos. Entretanto, a educadora desfaz a noção de que a enciclopédia pudesse ser mero acessório estético-simbólico quando anuncia: “*E ela não era um enfeite. Vivenciei, na minha*

*primeira infância, minha mãe lutando muito para concluir o antigo 2º grau em cima da Larrousse*”. Desse modo, a mesma prática observada com a mãe seria seguida por ela durante sua trajetória escolar: a enciclopédia foi seu “*google*”, em tempos anteriores aos dos sistemas de busca virtuais.

Deixa-se entrever em sua narrativa que foi esse acesso amplificado ao conhecimento considerado legítimo (porque universal), somado às relações de proximidade com outros entes citados que a tenham constituído como “*uma pessoa bem peculiar e de gostos bastante extravagantes para uma criança e adolescente*”. Se desvela para nós, talvez pela confiança calcada na presença da obra enciclopédica, uma estudante inequivocamente segura de suas habilidades e uma professora igualmente convicta de sua escolha pela docência desde o curso de Magistério, passando pela licenciatura na Universidade de Brasília- UnB, a experiência na alfabetização, no ensino fundamental e por fim, a sua atuação como docente no Ensino Médio. A mesma convicção do caminho trilhado profissionalmente a partir da leitura, encontramos no parágrafo que abre outro memorial de formação, inscrito pelo subtítulo “*Caminhos e descaminhos, ou como encontrei e fui encontrado pela leitura*”:

*Falar de Literatura é algo difícil. Talvez pelo fato do volume de livros que já li ter sido extenso, quem sabe porque, mesmo antes de alfabetizado, já corria curioso pelas páginas repletas de elementos históricos, quadrinhos, mas provavelmente por considerar algo tão importante, escolhi as letras e seu lirismo como minha formação e minha fonte de renda, um misto de prazer e satisfação profissional. Hoje, assim como vários professores que passaram por minha vida, tento fazer de minha sala de aula espaço para o encontro cotidiano com obras e universos que acredito que o estudante presencie apenas por meio da escola, ou seja, meu caminho. (Memorial de Formação do Professor D)*

Ambos os relatos, o da professora C e o do professor D, abrem as suas narrativas com a afirmação segura da escolha que fizeram, ou que foram levados a seguir pela forma que a leitura se apresentou desde muito cedo em suas vidas como herança afetivo-familiar, seja por sua “*intencionalidade sobrevivente*” como fez a mãe da professora C, ou de forma espontânea e própria do capital cultural que a mãe do professor D pôde oportunizar aos filhos. Importa destacar como esse acesso ao conhecimento universalizado, que ambos reconhecem como privilégio em seus contextos, originam engajamentos específicos que os levam a se constituírem como disseminadores dos conhecimentos que lhes foram tornados acessíveis. Apesar disso, a narrativa do professor ganha contornos específicos ao descrever o seu primeiro acesso à leitura como parte de um cenário lúdico reforçado por certo microclima de acolhimento em sua casa:

*Não me lembro de quando comecei a ler, a idade ou mesmo com qual objetivo tenha feito esta grande descoberta que é a passagem de um universo falado para o escrito, mas sei que foi ainda muito jovem. Filho de professora (uma das mulheres mais inspiradoras da minha vida), minha casa era cercada de possibilidades para uma criança ativa e com uma imaginação fértil. Assim como os homens primitivos que pintavam e transformavam*



*suas experiências cotidianas em narrativas nas paredes das cavernas, fiz das brancas paredes de minha casa uma tela em branca para meus primeiros passos para a leitura. Com um batom Avon recém comprado de minha mãe, bruxas e fadas, rodas gigantes e montanhas russas ou mesmos monstros com cara de hambúrguer assumiam forma nas mãos finas e delicadas de uma criança de apenas três anos de idade. Por mais que uma mãe se irrite em ver suas alvas paredes completamente pintadas destas rupestres brincadeiras pueris, observar a criatividade do filho é maior do que a bronca e talvez, por isso, ainda guardo tão forte esta lembrança em minha mente. (Memorial de Formação do Professor D)*

Lembrança afetiva, permeada de cores e sentidos. Assim também é a narrativa da professora E. É o relato de uma jovem professora que tenta se afirmar entre múltiplas identidades - a familiar, como estudante universitária e mais recentemente como professora que segue desafiada cotidianamente pelas palavras que constituem suas memórias:

*Abro os olhos e estou em uma casa da SHIS de chão vermelho, com quadradinhos que me equilíbrio para não pisar nas linhas. VERMELHO. A parede descascada do quintal, fundo para as fotografias dos primos, imprime um branco giz nas roupas, cotovelos e onde mais encostar. GIZ. Retorno à cama dos fundos do comércio de minha avó, uma cama que cabem eu, Vitor e Luis hoje, cada um na casa dos seus vinte anos, cada um com seus corpos já crescidos de adulto. Brigávamos tanto para sermos rei daquele território. Nos aquietávamos quando ouvíamos histórias da tia de Vitor ou de nosso avô Agostinho. AGOSTINHO. Seria um prenúncio ao nascer de que o vô seria sempre pequenininho? (Memorial de Formação da Professora E)*

A leitura de mundo que antecede a leitura do texto escrito está marcada nas palavras que ganham destaque em letras maiúsculas: VERMELHO, GIZ, AGOSTINHO... A magia poética da escrita viria trazendo nova face para essas palavras a partir do momento em que elas pudessem ser grafadas e não somente imaginadas pela vivência de oralidade. Todo o seu memorial de formação será caracterizado por essa anunciação poética, pela descrição que se assemelha a pequenas vinhetas cinematográficas, permitindo ao leitor acessar cada um dos cenários pelos quais a escrita de si se tornará significativa, seja na casa em que ouvia histórias, na universidade como estudante ou na escola pública em que ela chega como docente.

Face à leitura poética que encontramos no texto da professora E, temos outras narrativas em torno da paixão compartilhada pela literatura, como encontramos no relato emocionante de uma professora que persegue na infância o propósito de ganhar um dicionário, aqui chamada de professora F<sup>5</sup>. São relatos que se iniciam destacando a frustração na infância, oriunda da

<sup>5</sup> “Como minha família era de classe baixa, de pais praticamente analfabetos, de irmãos mais velhos que não se importavam comigo, eu logo vi que não teria o dinheiro. Relembro muito bem desse dia porque minha mãe chegou a me bater com um pedaço de lenha, de tanto que a incomodei para ter o tal dicionário. Esse episódio de não ter acesso ao dicionário foi muito frustrante na minha vida. Fiquei tão tocada com o acontecimento que comecei a conhecer bibliotecas, comecei a pedir emprestado, às vezes meus colegas apareciam mostrando os seus livros, e eu ficava olhando para eles, olhava a capa, os desenhos, tentando imaginar sobre o que se tratava. Claro que na época eu mal conseguia ler, estava no segundo ano do ensino fundamental, e como não éramos incentivados, eram poucas as vezes que a professora levava livros para a sala de aula para nós, alunos, manuseá-los. Com o tempo as coisas foram

dificuldade de acessar livros ou pela falta de estímulo por parte das famílias, às quais também foram interditas as possibilidades de conceber a leitura como horizonte de expectativa.

*Impressionante como é a vida! Lembro-me bem de quando era pequena e o quanto já era apaixonada por livros e palavras, Ruth Rocha e Sylvia Orthof fizeram parte disso com certeza. Nascida e criada no sul do Brasil, lugar em que no inverno faz um frio rigoroso e que em alguns dias fica impossível sair de casa, por causa da chuva e das enchentes, a única alegria desses dias cinzentos era ter um bom livro para ler. Mas lembro também do quanto era pouco, do quanto era difícil conseguir ter acesso aos livros. (Memorial de Formação da Professora F, grifos meus)*

*Eu nasci em uma família comum. A primeira de quatro filhos. Minha mãe abandonara a escola ainda na sexta série para um precoce casamento aos quinze anos. Meu pai fora forçado a deixar a escola quando cursava a quarta série primária em razão do falecimento do meu avô e da necessidade de ser introduzido muito precocemente, aos oito anos, no trabalho no campo. Naturalmente, este não é o tipo de família que incentiva a leitura dos filhos em casa por desconhecer a relevância da leitura, mas se me perguntarem o que despertou meu interesse pela leitura, a única resposta que posso dar é: meus pais. (Memorial de Formação da Professora H)*

Nos enunciados que se seguirão aos parágrafos acima destacados, o leitor percorrerá relatos de reconciliação com suas próprias histórias e a aceitação dos limites e percalços que a elas se apresentariam, sendo a literatura, por vezes, caminho de fuga, cura e por fim, libertação. São educadoras que buscam verbalizar de forma coerente o fato de terem sido tomadas de encantamento pela leitura desde a infância a despeito de certo ressentimento pela dificuldade de acesso ou falta de estímulo à leitura. Apesar disso, ambas acreditam no poder transformador do acesso à leitura e levam esse propósito para suas práticas educacionais. Nesse mesmo sentido, encontramos no relato da professora G uma narrativa de superação para si mesma e para os seus estudantes. Entretanto, diferente de uma leitura inscrita no âmbito familiar, a tônica de seu discurso tem forte conotação de tomada de consciência de classe e de posicionamento crítico em relação a seu lugar na sociedade, fazendo como tantos outros sujeitos que, como ela, esforçam-se para converter em políticas emancipatórias as tentativas constantes de impingir-lhes a subalternização como única possibilidade de vida para os filhos das classes trabalhadoras. Em suas palavras:

*No sistema capitalista, no qual estamos inseridos, afirmam os especialistas que as chances de mobilidade social ou ascensão socioeconômica, não são iguais para todos os indivíduos, pois há diferenças de país para país, e de região para região. Uma pessoa que vive no interior do Nordeste, terá menos oportunidade de ascensão do que aquela*

---

melhorando, fui aprendendo a ler, e quando vi eu já estava devorando os livros, revistas, jornais, adorava quando ia ao supermercado com minha mãe e lia tudo pra ela, preços, promoções, encartes, rótulos, enfim, era um momento que eu queria mostrar para ela o quanto eu sabia ler. Chego a ficar emocionada ao lembrar disso, porque no ano seguinte, no dia do meu aniversário, eu ganhei um pacote de presente e nele para a minha surpresa estava o dicionário que eu tanto queria antes. Meu aniversário nunca era comemorado com grandes festas, eram os parabéns, a família reunida e algum amigo, vizinhos, mas esse com certeza esse foi o aniversário mais feliz. Foi a partir daí que comecei a estudar o dicionário e o encantamento pelas palavras só foi aumentando.” (Memorial de Formação da Professora F)

*que vive na cidade de São Paulo ou Distrito Federal. É aqui, portanto, que tem início a minha história. (Memorial de Formação da Professora G)*

Temos na parte inicial de seu memorial de formação uma significativa sequência em que são intercalados parágrafos que desvelam as dificuldades enfrentadas no decorrer de sua vida e as estratégias de resiliência que assume frente a essas situações adversas:

*Nasci numa pequena cidade do sul da Bahia, perdi minha mãe quando eu tinha apenas 1 ano de idade, obrigando meu pai a se deslocar para um importante centro urbano na região Sudeste – São Paulo, abrindo-me oportunidades que certamente não teria em minha Cidade Natal. Sem querer ser fatalista, infelizmente, não posso dizer que tive uma infância agradável e igual à de muitas crianças. Desde muito cedo, tive de enfrentar desafios alheios à minha vontade. Meu pai, depois de muitos anos sozinho, resolve recompor sua vida familiar, casando-se novamente. Deste relacionamento, nasceram mais cinco irmãos, dos quais, fui quase uma mãe, pois minha madrasta trabalhava, e eu, com apenas seis anos, fui incumbida de responsabilidades sobre a casa e sobre eles. Estas experiências, no entanto, proporcionaram-me muita responsabilidade e dedicação em tudo aquilo que realizo. Apesar de toda a tarefa a mim designada, sempre, fui muito interessada nos estudos. Todavia, aos onze anos, por força das circunstâncias, tive de interrompê-los na antiga 5ª série, passando a trabalhar, a fim de ajudar meus pais no orçamento familiar. Confesso que este foi para mim um momento de muita angústia e frustração, mas nunca de desesperança. Desenvolvi no decorrer de minha caminhada profissional diversas atividades. Fui empregada doméstica, empacotadeira, escriturária, caixa de loja e muito mais. Contudo, a vida dá muitas voltas e nos proporciona diversas oportunidades, e, eu, sempre soube abraçá-las com toda garra procurando conquistar meus ideais. Se o sistema lutava contra mim, esforçava-me para mostrar que eu era mais forte que ele. Mesmo em minha inexperiência, sonhava de no futuro ser uma professora, ainda sabendo que isto era algo muito, muito distante, e devido às circunstâncias adversas, até impossível. Mas não para mim! Como tudo ao nosso redor é um texto, o que eu lia eram as brigas de meus irmãos, as broncas e exigências de meus pais, as tristezas pela falta de não poder parar para ler uma história, sonhar com heróis e heroínas dos contos de fadas, fábulas e muito mais. Não me recordo, em momento algum de minha infância, de ver meus pais lendo algo de interessante para nos entreter, emocionar. Mas, sigamos em frente! O vocábulo derrota não tem espaço em meu dicionário! (Memorial de Formação da Professora G, grifos meus)*

Destaco em sua narrativa os trechos em que ela dialoga consigo mesma em torno daqueles acontecimentos do passado, parecendo imputar a si a obrigação de construir uma narrativa de superação e mais do que isso, elaborar uma narrativa que negue o assujeitamento diante das condições impostas pela vida. É importante para a professora G que ela não permita uma escrita de si marcada simplesmente pelo “fatalismo”, como ela mesma diz. Sua fala me parece especialmente significativa para encerrar essa segunda margem, porque sua narrativa se constitui em um duplo identitário, como se fosse um diálogo entre as diversas possibilidades de escrita de si e uma forma de dizer aos leitores, mas sobretudo a si mesma, quem ela é quando se lê. Nesse mergulho em si e nas suas subjetividades, a professora assume um discurso que converte as opressões que se apresentaram entrecruzadas em sua vida, em interseccionalidades emancipatórias.

### 3. TERCEIRA MARGEM) ESCOLHAS ENUNCIATIVAS, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS: QUAIS SÃO OS TEMAS QUE ME ATRAVESSAM?

Marie Christine Josso nos lembra que em todos os lugares educativos encontramos sujeitos cujas expectativas e motivações a respeito da formação referem-se *“tanto a problemáticas de posicionamento na sua vida cotidiana e na sua ação em nossas sociedades em plena mutação, como às questões e problemáticas ligadas à compreensão da natureza dessas próprias mutações”* (JOSSO, 2007, p. 414). Temos nesse ponto um jogo enunciativo e estético, em que eu (como autobiografado) me torno um outro da minha própria história, como diz Bakhtin (2003). Só pode haver sujeito de uma história a ser feita, e é a emergência desse sujeito aberto ao devir, que estabelece interlocução com sua própria história e que se experimenta como projeto, que torna significativo o movimento de biografização. Isso nos lembra a noção de travessia em Jean-Godefroy Bidima:

A ideia de travessia conjuga, de uma só vez, as possibilidades históricas existentes no tecido social e as tendências e motivações subjetivas que empurram os atores históricos para um outro lugar. É no cruzamento da objetividade e da subjetividade que alguma coisa de diferente pode advir. A travessia se ocupa dos devires, das excrescências e das exuberâncias, ela diz de quais plurais uma determinada história é feita. (BIDIMA, 2002, p. 5)

Podemos afirmar que todas as escolhas linguísticas que compõem as narrativas autobiográficas dos memoriais de formação analisados são leituras de identidade construídas em processos de atravessamentos que projetam futuros possíveis - e desejáveis - por aqueles que são os seus protagonistas. Desse modo, as vivências convertem-se em experiências. Experiências que podem ser compreendidas,

enquanto uma travessia que envolve perigo, porque ambiciona romper fronteiras, situar-se no espaço vulnerável e ir além, até o fim no limite possível, para que a transformação aconteça. Vida e morte, como possibilidade de renascimento. [...]. O que NOS acontece. O que NOS transforma. O que NOS interpela. Somos esse território de passagem, essa zona de confluência onde distintas forças se interpelam, espaço onde as coisas acontecem, lugar da experiência. (COLLA, 2010, p. 24-25, destaques da autora)

Ao analisar esta definição, Soares afirma que *“o sujeito da experiência é um sujeito alter daquele/a de antes do atravessamento da experiência. É um sujeito alter daquele/a de antes da travessia-atravessamento”* (2017, p.17). É essa espécie de bricolagem que encontramos em muitos dos relatos apresentados, como no relato da professora A.

*Ressinto-me de só ter consciência da continuidade de minha fascinação pela conversa dos outros e pelos livros hoje, porque na adolescência julgava-me infinitamente superior*

*a minha pobre família de mulheres que nunca liam ao menos uma página de um livro. Hoje, afirmo, com todas minhas palavras, que minha avó é a minha medida do mundo. Tudo que hoje me importa se relaciona de algum modo a ela, diretamente ou indiretamente, uma mulher de poucas e necessárias palavras na boca, mãos na máquina de costura, ou no ralador de mandioca, e pés fincados no chão. Contudo, antes de eu poder construir essa consciência dentro de mim, passei por uma adolescência cercada de fantasmas da resistência, da revolta e da derrota. Da boca de minha avó saía, mesmo sem muita noção dos possíveis ecos, essas palavras: eu não atravesssei o mundo de pau de arara para você desistir agora. Juntamente com elas, as ameaças de que não adiantava sonhar muito, porque a realidade era dura. Ao me ver sonhando entrar na universidade, local onde ninguém da minha família nunca tivera pisado, sendo espaço apenas dos filhos do patrão, minha mãe tentava me convencer de que eu não podia sonhar tanto porque a queda seria muito grande. Minha mãe tinha as melhores intenções ao dizer isso, mas, ao mesmo tempo em que me dizia isso, me encorajava a lutar, já que a nossa história sempre fora de luta. Aprendi isso em casa, ou quem sabe tenha vindo nesse tal sangue bom que corre em minhas veias que minha avó afirmava existir.” (Memorial de Formação da Professora A).*

O sentido que orienta sua escolha discursiva tem a ver com a percepção, dada na leitura *a posteriori* de sua travessia, sobre como a ancestralidade e as redes de alianças entre mulheres a constituíram, tanto pessoal quanto profissionalmente, apresentando engajamentos encontrados tanto na vida cotidiana quanto nas letras que ela veio re(encontrar) na universidade: *E depois da universidade, como posso não me desvencilhar de minhas marcas ancestrais?* É uma questão mais ou menos assim que a inquieta e conduz não a uma intersecção, mas a uma encruzilhada. Algo de vir-a-ser, de excrescência, é muito premente em seu relato. A professora se percebe então como uma professora intelectual transformadora, que é mente (uma mulher das letras e ciente de seus encantos pela literatura erudita), mas também corpo e sentimentos - nos quais comporta um nordeste profundo e maternal que a habita com ainda mais força do que antes da academia. Vive nela, portanto, a encruzilhada. Aqui, analiticamente opera uma distinção entre intersecção e encruzilhada. Ao falar de intersecção, me refiro àquele caminho identitário relativamente fluido, como as margens calmas de um rio que se encontram com outro igualmente sereno, gerando uma confluência que não abala aquilo que me constitui, mas acrescenta, traz volume, aumenta convicções dos caminhos seguidos. Já a noção de encruzilhada remete ao embate, ao questionamento existencial, à abertura ao vir-a-ser, é a objetividade em choque violento com a subjetividade, como movimento de águas desiguais que exigem escolhas e apresentam perigos, já que nos tiram de nossos lugares de conforto identitário porque não permitem mais que sejamos os mesmos. Assim são os memoriais analisados nesse ponto de encontro que é o Mulheres Inspiradoras. Alguns são intersecções, outros evidentes encruzilhadas. Há também aqueles que oscilam entre essas duas intersubjetividades.

Podemos afirmar que a cada vez que nos lemos, interessa-nos somente uma parte, aquela que nos pareça significativa naquele contexto, que seja coerente e que reforce os vínculos entre a

forma com a qual nos apresentamos identitariamente e como desejamos que quem nos lê perceba as nossas vivências quando convertidas em experiências. Apesar disso, não há instrumentalidade e nem apriorismos no ato de escrita. Conforme Michel de Certeau, “*as relíquias verbais de que se compõe o relato, ligadas a histórias perdidas e gestos opacos, são justapostas numa colagem em que suas relações não são pensadas e formam, por esse fato, um conjunto simbólico*” (2012, p.174). A escrita do memorial da professora A parece ser, desse modo, uma oportunidade de tornar coerente suas perspectivas de atuação como pesquisadora acadêmica que se torna posteriormente professora, conjunturas que se entrecruzam e ganham significância nesse momento de sua vida, mas que estão abertas ao que virá.

Situação narrativa esta que se difere fundamentalmente daquela apresentada pela professora C, uma estudante e profissional que começa a atuar muito jovem e é hoje uma professora engajada e convicta desde sempre da importância de sua atuação e da relação coerente de seu ofício com a leitura:

*O magistério apresentou-se para mim como um caminho seguro de estabilidade financeira, pois as minhas tias bem sucedidas eram professoras. O curso de Letras foi decidido haja vista as minhas habilidades com a leitura, escrita e expressão oral. Assim, aos 18 anos era aluna do curso de Letras na Universidade de Brasília e professora da Secretaria, ou melhor, da Fundação Educacional. O meu amor aos livros e o conhecimento da importância de ler esteve presente desde o meu primeiro ano em sala de aula, em que, em uma turma de 3ª série, realizei um campeonato de leitura. Levava diversos livros para sala, as crianças escolhiam os livros, iam lendo e escreviam sobre o livro. A vencedora leu 37 livros. Foi uma experiência incrível. Passei por todas as séries da primeira etapa do Ensino Fundamental, bem como da Educação Infantil e sempre privilegiei a leitura. [...] Foi um período de muitos aprendizados, mas voltei à sala de aula no ano de 2011. E fui para o Ensino Médio. Seria minha primeira experiência, fora o estágio, com alunos dessa idade. Foi paixão fulminante. Em vários momentos do meu percurso profissional, questioneei-me sobre a minha realização e satisfação, já que, a princípio, a minha escolha teve o caráter financeiro como prevalente e muitas vezes senti o financeiro como um grande entrave da continuação na carreira. Entretanto, hoje, mais do que nunca, tenho certeza de que estou no lugar certo, tentando fazer as coisas certas, com um retorno financeiro não tão certo, mas certa de que é o que faço de melhor e de que é uma profissão com muitas dificuldades, mas de muito valor para sociedade, embora não tão reconhecido. Amo estar em sala de aula, “no chão da escola” e, para minha surpresa, sou uma professora de Literatura bem mais inspiradora do que de Gramática. Acredito nos meus alunos. Acredito no poder transformador do conhecimento e da educação. Acredito em pequenas doses afeto como ingredientes na construção de saberes. Acredito nas mulheres inspiradoras. Acredito na humanidade, apesar de tudo. (Memorial de Formação da Professora C)*

Diferente também da narrativa entrecruzada pelo repertório literário e microclima de acolhimento familiar que torna o professor D um estudante e professor comprometido e questionador das normas impostas na escola, que reconhece as mulheres que lhe constituíram como sujeito histórico: “*Se hoje estou neste projeto, a causa maior é o encontro que tive com esta voz*

*feminina que a Literatura me ofereceu em diálogo com as várias que ouço no cotidiano de minhas alunas, irmãs, amigas, colegas e de minhas inspiradoras maiores: minha avó Elza (já falecida) e minha mãe Vanilda” (Memorial de Formação do Professor D).*

Para estes dois professores, a chegada ao Mulheres Inspiradoras parece demarcar uma intersecção, mais do que uma encruzilhada, no sentido de que o *vir-a-ser* não se apresenta como imposição, como vemos nas narrativas da professora A ou da professora E. Esta última, na força de sua narrativa poética, nos apresenta uma mulher que reconhece os atravessamentos como construções de encruzilhada desde quando percebia o mundo pelas palavras de seu avô Agostinho, enquanto a mãe cantava para que o sono chegasse, consolando o aconchego rompido pela ida relutante à escola, as inseguranças da universidade e por fim o encarar uma turma na escola. Sua chegada ao Programa não a deixará incólume, é o seu *sujeito alter*:

*O vocabulário de Agostinho enchia os meus ouvidos, BROTE, ARENGA, FI DE MANÉ POTE. Olha! [...] Tiraram um pedaço de minhas tardes para que eu freqüentasse um lugar estranho, frio e claro demais com seu cheiro eterno de plástico das lancheiras. Quando o choro teimava em não ir embora, corria para a sala de Luis, meu primo mais velho e habituado com aquelas terras. Passava uma tarde inteira apontando alguns lápis, até que virassem uma família de anões escondidos em uma caixa. Demorou. Mas comecei a gostar da textura do papel crepom que sujava meus dedos de cola. Da massinha fria que mudava de temperatura nas minhas mãos pequenas. Das iniciais dos nomes. Do desenho do S. Licenciatura. Bacharelado. “Bacharelo-me. Um grande futuro!” – dizia o ranzinza Brás Cubas. Mas é certo que meu futuro estava na licenciatura. Porém, após a colação – pânico. O que fazer? Em um curto período aparecem as crises de ansiedade. Vou ficar louca? Mãe, me ajuda. Você precisa se ocupar, sempre dizia Ana. (Memorial de Formação da Professora E)*

Identifico três alinhamentos construídos nas narrativas analisadas: a constituição de posicionamentos identitários, o exercício de recordação como aquilo que confere sentido aos atravessamentos históricos que perpassam suas histórias e, por fim, a emergência das subjetividades que re-orientam suas trajetórias. Os dois primeiros aspectos foram explorados até aqui. Sobre esse último aspecto, lanço algumas compreensões a partir dos parágrafos que encerram os textos memoriais. Tomo a liberdade de apresentá-los aqui, em uma citação que se tornará longa, mas que me parece profundamente relevante:

*Quando penso no meu lugar de trabalho... Penso que tenho de estar onde minha presença tenha sentido, onde eu possa realmente viver o que acredito, da forma que acredito. Nessa minha ainda breve incursão no chão da sala de aula, aprendi que talvez o papel da educação seja não só ampliar os acessos dos alunos a outras realidades, mas também redimensionar o que carregam por dentro. As hierarquias a que são sujeitos durante a vida não devem ser capazes de retirá-los deles mesmos, mas, ao contrário, podem ser o ponto de partida para que aprendam a se colocar no lugar de outros e a se ver como alguém com dignidade. (Memorial de Formação da Professora A, grifos meus)*

*Como primeiro ponto, destaca-se uma geração jovem de leitores, pensando os livros ser escritos no final dos anos 90, marcada pelas aventuras míticas do bruxo britânico em sua saga Odisseica pela escola de magia de Hogwarts até o confronto com um antagonista que traz, em seu nome, a significativa alcunha de "Você-sabe-quem". Neste universo maravilhoso que a magia oferece, dialogando com a dura realidade de um protagonista órfão, as novas gerações encontraram o caminho, ou descaminho para alguns, rumo ao ato de ler Literatura. Porém, se a grande Literatura, ou uma literatura menor (isto mesmo, com "l" minúsculo como observamos por aí), o importante é que as narrativas sobre Potter trouxeram milhares de crianças e adolescentes ao texto literário. (Memorial de Formação da Professor D, grifos meus)*

*E é por causa dessa história de lutas e de conquistas que me sinto feliz, realizada e muito agradecida cada vez que entro numa sala de aula. Quando estou diante dos meus alunos eu lembro que sempre desejei muito essa profissão e por isso valorizo cada instante. (Memorial de Formação da Professora B)*

*Daí um pulo e caio na sala de aula: borboletas no estômago! Uma turma de nono ano. E eles são maiores que eu. As paredes de tijolinhos pintados em azul. Será que vão gostar de mim? O teto escrito "Ana Caroline, te amo". Será que vou conseguir? As cadeiras com corretivo. Eles estão rindo comigo! E ouve só, o sinal bateu. Eles se despedem. Sobrevivi. E foi bom. As narrativas escolares passam a preencher os meus dias. Eu levo um texto de um menino que queria ser árvore. Eu levo a história do afogado mais bonito do mundo. Eu levo Malala. Eles preferem quando leio, alguns até buscam os livros na biblioteca mais tarde. E apesar de algumas dificuldades, a sala de aula não me enlouquece, a sala de aula me salva. (Memorial de Formação da Professora E)*

*Alguns anos depois, em 2010 fiz o concurso da secretaria, finalmente em 2013 fui nomeada e então foi quando conheci as escolas públicas do DF, conheci Ceilândia, onde trabalho até hoje. Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva e também em Metodologia da Língua Portuguesa estou sempre em busca de novas oportunidades, de novos saberes e é na escola onde tento todos os dias passar o pouco que sei, mostrar o quão os livros são importantes, o quanto a leitura nos faz crescer como seres humanos pensantes e críticos, o quanto a língua portuguesa é bela e é claro, como as palavras fazem de nós pessoas cada vez melhores e como elas podem transformar nossas vidas e sonhos. (Memorial de Formação da Professora F)*

*Como podem ver, não faço parte deste contexto por acidente, não cheguei aqui por acaso. Estou aqui porque quis, e porque a vida oportunizou-me. Portanto, quero continuar em minha luta a favor do educando, e assim, atingir plenamente meus projetos de vida. Ah! Como a vida é um eterno aprender, aqui estou, novamente, numa nova etapa da minha existência participando do Projeto Mulheres Inspiradoras, com o intuito de aprender, aperfeiçoar meus conhecimentos, alcançar novas experiências para poder fazer a diferença na vida de meus alunos. Poderia acomodar-me, pois, em março de 2018, estarei aposentando-me, mas quero ser "a ponte" que motive meus alunos a superar desafios. (Memorial de Formação da Professora G)*

*Não tinha conforto na escola. Não tinha carinho em casa. Comecei a mergulhar na leitura. Lia livros como "A ilha do tesouro", "O escaravelho do diabo", "Cortina de fumaça", "Para gostar de ler"... tanta aventura, suspense, fantasia, conselhos que me remetiam às histórias que meus pais contavam e, às vezes me ajudavam a suprir a falta deles, noutras tantas me açoitavam e eu lia e chorava sua ausência. Lembro de ter lido "A hora da estrela", de Clarice Lispector. Eu me sentia própria Macabéa. Acho que eu tinha dois motivos para ler: compartilhar um sentimento (saber que outros sofriam da mesma angústia) e sonhar com a possibilidade de um mundo melhor. Continuei lendo porque a fantasia parecia melhor que a realidade, continuei porque entendi que os livros*



*poderiam me consolar, fazer sonhar e ainda ensinar. Hoje, quando eu leio, eu acho que é por saudade. (Memorial de Formação da Professora H)*

Marie-Christine Josso (2002) assinala que nas etapas do trabalho biográfico são acionados vários níveis de conhecimento: a evidência do processo de formação, a evidência do processo de conhecimento e a evidência dos processos de aprendizagem. Na narrativa da professora A, o horizonte de expectativa é dado pela possibilidade de *redimensionar o que os estudantes carregam por dentro*, reflexo do atravessamento que ela também percebe em si. Com a professora E, o reconhecimento de que as narrativas escolares preenchem seus dias e “*apesar de algumas dificuldades, a sala de aula não me enlouquece, a sala de aula me salva*”. Na narrativa do professor D, também se renova uma perspectiva de futuro a partir dos novos jovens leitores que trazem consigo os descaminhos possíveis apresentados pela literatura fantástica a *la Harry Porter*. Nas enunciações das professoras B, F e G, as temporalidades que envolvem passado e futuro se imbrincam de forma indissociável, são narrativas que reconhecem intersecções, mas indicam alguma estabilidade, como se dissessem a si mesmas que chegaram no lugar que desejavam. Por fim, como narrativa tocante de encruzilhada, a professora H arremata sua narrativa a partir do mesmo ponto de onde começou: “*Hoje, quando eu leio, eu acho que é por saudade*”!

Por fim, já que o propósito aqui foi compreender como se apresentam os docentes autobiografados, quais são os seus temas recorrentes, as escolhas enunciativas e como são conferidos sentidos às suas próprias trajetórias, convertendo-as em narrativas históricas que perpassam fronteiras que se encontram em alguns aspectos comuns nos oito textos memoriais: lembranças de infância, relação inicial com a literatura, formação docente inicial e continuada, identidade como pesquisadoras/es, engajamentos políticos, pertencimentos e afetos mediados pela leitura, além de seus horizontes de expectativa, dados a partir da chegada ao Mulheres Inspiradoras. Nesse ponto, façamos como a professora H, e retomemos ao início. O Projeto Mulheres Inspiradoras foi criado e executado pela professora de Língua Portuguesa Gina Vieira Ponte de Albuquerque, em 2014, no Centro de Ensino Fundamental 12 de Ceilândia, envolvendo cinco turmas do 9º ano, dentro da parte diversificada do currículo. Ao ser perguntada sobre como surgiu a ideia de escrever pela primeira vez o seu próprio texto memorial, ela narra uma história de relação com a escrita, exemplar da noção de *escrevivência* desenvolvida por Conceição Evaristo. Em suas palavras:

*Na verdade, essa história de escrever minhas memórias é antiga. Eu sempre gostei de escrever sobre o que eu vivia. Tão logo eu me alfabetizei e me senti segura em relação à escrita, escrever passou a ser pra mim fonte de prazer. Por volta dos 12, 13 anos eu passei a escrever mais ainda. Minha mãe trabalhava como empregada doméstica e trazia agendas velhas que eu considerava um verdadeiro tesouro. O dinheiro era tão controlado que eu não podia usar páginas do meu caderno pra outra coisa que não fosse*

*estudar. Essas agendas tinham muitas páginas em branco que eu amava preencher com os meus registros. Aquele era um espaço onde eu podia registrar TUDO. Eu anotava tudo, sem medidas e sem reservas. Até que uma colega achou o meu diário e leu. Ela acessou os meus segredos mais profundos, aqueles que eu nem pronunciava. Desde aquele dia, decidi que não escreveria mais. Tinha medo de que ela expusesse as minhas fragilidades e rasguei e queimei o diário. Pouco tempo depois adoeci. Perdi peso de maneira drástica, meu cabelo caiu. Eu não comia, não tinha forças pra ficar de pé. Minha mãe me levava ao médico e ninguém descobria o que eu tinha. Lembro da minha mãe me carregando no colo, de ônibus em ônibus, de hospital em hospital, me dando banho... Acho que o amor dela me salvou. Hoje não tenho dúvidas de que o que eu tive foi depressão... Parar de escrever me fez não ter onde colocar as vivências difíceis que eu tinha. Quase morri. Enfim... sempre tive na escrita um espaço de elaboração da minha existência. (Relato da Prof. Gina Ponte, concedido oralmente à autora em abril de 2018)*

Metaforicamente, argumento que o Projeto Mulheres Inspiradoras, por meio da proposição de construção de textos de formação, se converte em lugar de intersecção ou encruzilhada, no momento em que vivências refletidas se convertem em experiências. Parte fundamental desse lugar de intersecção vem da trajetória de sua própria idealizadora, não havendo em nenhum momento a desvinculação entre essas intersubjetividades, as pessoais e as institucionais que constituirão a proposta. Trata-se do acúmulo de experiências de mais de duas décadas de uma professora em escolas públicas do Distrito Federal, o que traz uma singularidade especial, logo percebida pelos docentes que adentram o curso de formação: não é como a maioria dos projetos que “chegam” nas/para as escolas. As vivências da professora Gina são também convertidas em experiências, buscam interlocução com a universidade, enquanto a professora se constrói de forma intuitiva em teórica crítica que busca uma metodologia condizente com sua atuação como *intelectual orgânica*, no sentido gramsciano, e que constrói uma narrativa de si como mulher escritora. Possivelmente, ao ouvir o relato acima, Conceição Evaristo responderia com a sua própria definição de *escrivência*<sup>6</sup>. Essas mulheres são aliadas e estão em diálogo, e toda essa força de alianças interseccionais e ancestrais está no Mulheres Inspiradoras. Conforme deseja Evaristo, o projeto sonhado por Gina possibilita que um pouco dessas *histórias narradas* voltem às mãos das pessoas que inspiram seus escritos e que por vezes não se compreendem como inspiradoras, ou não reconhecem suas mães, avós, irmãs e aliadas como tais. Assim, mais do que a afirmação identitária,

---

<sup>6</sup> “Eu escrevo porque, para mim, não há outra maneira de enfrentar, de suportar, de arrumar a vida, a não ser escrevendo. Enquanto escrevo faço da vida que me é apresentada o que quero. As personagens centrais de minha criação, seja ela ficcional ou crítica, nascem profundamente marcadas por minha condição de mulher negra e pobre na sociedade brasileira. Escrevo para os meus, mesmo sendo no nível do desejo. Pois é do cotidiano das classes populares que retiro o sumo da minha escrita. É desse meu lugar, é desse de “dentro para fora”, que minhas histórias brotam. Gostaria imensamente que essas histórias narradas voltassem como livro para as mãos das pessoas que me inspiram”. (Entrevista concedida por Conceição Evaristo em 2015 à Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/11/entrevista-com-conceicao-evaristo>. Acessado em 19 de maio de 2018.)

o Projeto Mulheres Inspiradoras tem permitido a construção de vivências refletidas e tornadas experiências, por meio de alianças forjadas internamente e no entorno da proposta.

Os textos memoriais dos colegas me levaram a duas leituras, a da intersecção e a da encruzilhada. Tal leitura é correspondente ao que *A Terceira Margem do Rio* nos possibilita, que cada um de nós enxergue a narrativa conforme as nossas próprias intencionalidades naquele fluxo da vida: os silêncios, a partida, o pai solitário no barquinho/caixão, a família abandonada, as dores de cada um, os caminhos que atravessarão a família e a própria existência de uma terceira margem para o rio. São subjetividades contextuais, assim como são os textos memoriais, afinal, mesmo que falem sobre si, trazem consigo e suas enunciações, aqueles a quem se comunicam. Assim espero que seja, que a leitura deste artigo instigue aos leitores que as suas próprias vivências refletidas se convertam em experiências, permitindo transgredir nossas identidades pelas travessias que nos constituem e que seguirão por caminhos ainda incertos. Entendo que, como educadores, esse movimento de autorreflexão se apresenta para nós como vital, afinal, como lembra Bell Hooks (2013) em *Ensinando a Transgredir*, nenhum curso de formação continuada será significativo se não nos propusermos a um exercício de *autoatualização*, alimentando não somente o nosso intelecto, mas também o corpo e os sentimentos, afinal, como intelectuais não somos nunca a partição dessa tríade que nos apresenta em uma inteireza. Afinal, como nos lembra o filósofo malinês Hampatê-Bá (2010), a vida não se fatia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. “Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica” in *Revista História da Educação* v. 7, n. 14. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003.

BAKHTIN, M. “O autor e a personagem” in *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BIDIMA, Jean-Godefroy. “Da travessia:<sup>[1]</sup> contar experiências, partilhar o sentido”. Tradução para uso didático por Gabriel Silveira de Andrade Antunes [Acessado em 20 de abril de 2018].

CERTEAU, Michel de. “Ler: uma operação de caça” in *A invenção do cotidiano: artes do fazer*; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COLLA, Ana Cristina. *Caminhante, não há caminho. Só rastros*. [Tese de Doutorado em Artes]. Campinas, SP: Instituto de Artes/UNICAMP, 2010.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História Geral da África I. Metodologia e Pré-história da África*. Brasília: Unesco, 2010.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Editora Educa-Formação/Universidade de Lisboa, 2002.

JOSSO, Marie-Christine.. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Educação, Porto Alegre, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

RAMOS, Michael Daian Pacheco; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de; SANTOS, Maria Rita. “Estado da arte da Pesquisa (Auto)Biográfica: uma análise do portal de periódicos CAPES” in *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 02, n. 05, maio/ago. 2017. [pp. 449-469]

SARAMAGO, José. Biografias. Em *O caderno de Saramago*, 22 de setembro de 2008, disponível em: <http://caderno.josesaramago.org>. [Acessado em 10 de abril de 2018].

SOARES, Victor Hugo Leite de Aquino. TRAVESSIA:

Escrevivências de um tornar-se negr’artista em experiências (est)éticas. Brasília: IDA/UnB, 2017. [Monografia de Graduação em Artes]

SOUZA, Elizeu Clementino de; Moraes, Dislane Zerbinatti. “Pesquisa (auto)biográfica em análise: entre diálogos epistemológicos e teórico-metodológicos” in *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, Salvador, v. 01, n. 01, jan./abr. 2016.

SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição. Apresentação. **Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 27, n. 1, p. 327-332, Abril 2011.